

# **MEMÓRIA NO ESQUECIMENTO**



# **MEMÓRIA NO ESQUECIMENTO**

ROMANCE

**JUREMIR MACHADO DA SILVA**



*Editora Sulina*

Copyright © Juremir Machado da Silva, 2021

Capa: Humberto Nunes  
Projeto gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto  
Editoração: Clo Sbardelotto  
Revisão: Álvaro Nunes Larangeira

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

---

S586m Silva, Juremir Machado da  
Memória no esquecimento / Juremir Machado da Silva. – Porto  
Alegre: Sulina, 2021.  
310 p.; 14x21cm.  
ISBN: 978-65-5759-048-5

1. Literatura Brasileira – Romance. 2. Romance Brasileiro.  
3. Alzheimer. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-31

CDD: B869

B869.3

---

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.  
Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar  
Bairro Santana, CEP 90620-100  
Porto Alegre, RS – Brasil  
Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br  
www.editorasulina.com.br

Outubro / 2021  
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

“O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais,  
é a soma de suas impressões singulares.  
Assim se criam em nós os *mistérios familiares*,  
que se designam em *raros símbolos*.”

Gaston Bachelard



Aos meus.

Aos nossos.

Para Leandro Minozzo, amigo,  
médico especialista em Alzheimer.



PRIMEIRA PARTE

Dois olhares – 11

SEGUNDA PARTE

Visto só de fora – 110

TERCEIRA PARTE

Olhar interior – 162

QUARTA PARTE

Olhares cruzados – 212



# PRIMEIRA PARTE

## Dois olhares

O que é mais doloroso: não conseguir esquecer ou não conseguir lembrar? Não sei. Eles não sabem, mas eu sei que ele se lembra de uma parte considerável, uma parte enorme, quero dizer, do que viveu quando criança. Na verdade, não consegue se esquecer dessa memória absoluta na falta quase total de lembranças. Quase tudo lhe escapa. Algo lhe sobra. Sabe, às vezes, que está sozinho nesta clínica, que chamam de casa de repouso e até mesmo de Jardim da Melhoridade, e que daqui não vai sair. Só no caixão. Um caixão pelo qual anseia, quando se lembra quem é, embora não tenha um só conhecido para segurar as suas alças. Ouço conversas sobre o seu estado de saúde. Em seguida, tudo se apaga e tudo se ilumina num tempo inesquecível. O tempo dele.

Sim, eles sabem que ele se lembra obsessivamente do seu passado, faz parte, por assim dizer, dessa doença nojenta, numa das suas etapas, acho que são três, pelo que li, mas não se interessam por suas lembranças, essas memórias que ele vomita até se estafar e morrer. O sono para ele é como uma morte bem-vinda que custa a acontecer. A sua vida agora se resume a vegetar no excesso de uma lembrança, que lhe vem como uma golfada de vômito, e no esquecimento. Aos poucos, vai perdendo as palavras. Quando chegou aqui, havia uma beleza triste, quase trabalhada, na história que repetia sem parar. Era um velho estranho que falava como um livro e revirava os olhos.

– Se me faça entender – repetia.

– Por favor, acalme-se – diziam-lhe os atendentes.

A calma era um quadro estranho para ele. Uma vez, uma única vez, falou disso: “Penso na calma como numa camada de vidro sobre o pasto, uma película de geada sobre a grama numa manhã de julho. A calma era um estado de existência, o nosso, na placidez do nada. Naquele tempo, eu me surpreendia comigo mesmo, com meu rosto, minhas mãos, meu nariz, minha face no espelho da água gelada do regato”.

Que tempo foi esse? Ele não se lembrava.

– Um tempo congelado na eternidade, se me faça entender.

\*

*Éramos três. Por quanto tempo terá sido assim?*

*Quando fui buscá-lo, numa manhã de inverno, o vento assobiava nas esquinas como se um fantasma soprasse uma flauta melancólica capaz de espalhar a sua música pela cidade inteira sem arrancar um suspiro, um aplauso ou qualquer reclamação. Eu pedalava contra uma massa de ar gelado, curvado sobre a minha bicicleta verde, sentindo alguns pingos de chuva me salpicarem o rosto crispado. Sei que eu me sentia imensamente feliz. Os paralelepípedos, luzidios de umidade, refletiam-se nas lentes redondas dos meus óculos entortados por sucessivas quedas e boladas em jogos disputados até o cair da noite. A luz sumindo, os nossos gritos ecoando longe, como esquecer? A casa ficava no meio da subida, no alto de um barranco, e eu tinha de forçar a musculatura das pernas para não ter de colocar os pés no chão. Eu sentia os músculos se retesarem como se estivessem prestes a explodir o tecido do meu abrigo esportivo já bastante surrado.*

*A bicicleta era parte de mim, uma extensão do meu corpo. Por que não lhe dei um nome? Acho que tinha vergonha. Ninguém se atrevia a batizar a sua bicicleta. Nos meus pensamentos, porém, a minha era Nina. Uma bicicleta velha, que ganhei de um tio, baleada, como se dizia, comida pela ferrugem e com os aros*

*frágeis. Vivia furando pneu. Trabalhei muito nela. Posso dizer que a recuperei para a existência útil. A pintura consumiu um tempo enorme daquele tempo sem fim que era a minha vida de então. Ficou uma pintura rugosa, um verde intenso, cor de grama mesmo, um verde que parecia saltar do ferro para as minhas mãos apaixonadas. Durante muitos anos aquela bicicleta velha representou toda a minha liberdade. Sabia que, pelas minhas costas, meus amigos chamavam a minha bicicleta de alface selvagem e de mulher do Horácio. Diante de mim, nunca se atreveram. Não mesmo.*

*Não que eu fosse forte. Nada disso. Coragem, contudo, não me faltava. Eu não temia morrer brigando com adversários maiores e impiedosos. Na falta de bons socos a dispensar, usava os dentes. Ninguém mordida como eu em toda a nossa rua. Também ninguém cuspiu mais longe. Ganhei todos os concursos de cuspe que disputei. Eu pedalava contra o vento na manhã gelada gozando a potência máxima das minhas pernas pressionando o tecido assim como acontecia com o meu sexo, nas madrugadas de verão, quando eu sonhava com as moças seminuas da zona cujo acesso ainda não me era permitido e terminava molhado, mornamente molhado, em poluções noturnas das quais eu desconhecia tudo, especialmente o nome, temendo até que fosse uma doença. A rua subia espiralando-se entre casas baixas e coloridas. Quando eu levantava os olhos, alertado pelo barulho de algum carro, via tudo embaçado. Nos últimos metros, cavalgava, em pé sobre os pedais, balançando a bicicleta para a direita e para a esquerda num movimento intenso e desesperado. A fumaça que escapava da minha boca, denunciando minha respiração ofegante, me fazia redobrar o esforço.*

*Deixei a bicicleta encostada no paredão de concreto e subi as escadas correndo. As tantas janelas, todas fechadas, da enorme casa cinza me provocaram um estremecimento. Sempre tive medo de taperas e de cemitérios. Em breve, irei de um para outro. Corri até o fundo do pátio onde havia uma espécie de depósito, uma casinha de*

*madeira inclinada para a direita, inexplicavelmente poupada pela força do vento. A mochila de plástico branco, com o distintivo do Internacional no meio, balançava nas minhas costas com alguns cadernos dentro. Estava encardida pela poeira das tantas viagens, pela falta de cuidado da minha parte e até pelos usos inusitados. Entrei na peça sombria. Exalava um cheiro de cachorro molhado. O vento sibilava por entre as frestas sacudindo sacos de estopa estendidos num varal. A cadela soltou um ganido. Era pequena, amarela, estava faminta. O pior é que eu não tinha o que lhe oferecer. Era uma cachorra vira-lata. Tão vira-lata quanto eu.*

*Tive de me ajoelhar para ver os filhotes. Eram seis. Todos minúsculos, amarelinhos, todos de olhos fechados. A cadela me reconheceu. Balançou o rabo. Examinei cada um dos seus filhos como se soubesse o que estava fazendo. Não tinha a menor ideia de como escolher um deles. Pensei em usar o método uni-duni-tê. Por fim, me decidi por um que tinha o peito branco. Ali mesmo, eu o batizei: Lobo. Coloquei-o num saco plástico aberto e o acomodei no fundo da mochila junto ao meu caderno com as lições de casa. Afaguei a cabeça da cadela, que soltou um grunhido, e parti. Nunca mais a veria. Jamais saberia o destino dos demais filhotes. Os dados estavam lançados. Eu não tinha a menor ideia disso nem dessa expressão.*

*Pedalei de volta para casa, ao longo de 12 quilômetros, com o vento nas costas e o açoite da chuva cada vez mais forte. Via ora a minha perna esquerda, ora a minha perna direita se elevando enquanto todo o meu corpo parecia se contrair para voar. Ao contrário de tantas outras vezes, enfrentei a subida final sem descer. Quando me firmava no guidom para imprimir mais força às minhas pernas, via minhas mãos se tornarem garras, com as veias saltando intumescidas. A chuva aplacava a poeira e me dava novo ânimo para ondular, fazendo a bicicleta oscilar entre as minhas pernas.*